

JORGE AMADO E A LITERATURA DE COMBATE: DA LITERATURA DE ENGAJADA À LITERATURA MILITANTE DE PARTIDO

JORGE AMADO AND THE COMBAT LITERATURE: FROM A ENGAGED LITERATURE TO MILITANT PARTY LITERATURE

Matheus de Mesquita e Pontes¹

Resumo: O presente artigo possui o intuito de abordar a literatura de Jorge Amado, em especial suas obras durante as décadas de 1930, 40 e 50, percebendo a transição de sua narrativa: de uma escrita engajada que buscava contribuir no questionamento da ordem social vigente a produções de perfil centralizadas sob a orientação do Partido Comunista do Brasil.

Palavras-chave: História. Literatura. Engajamento e Militância.

Abstract: The present article aims to deal with Jorge Amado's literature, specially his works from the period of the 1930's, 40's and 50's. This author presents a transition in his narrative: from a focus on political themes to a focus on the Communist Party orientation. The first focus was a trial to contribute to the awareness about the social setting at the time and the second focus was a phase with a different production; under the orientation of the Communist Party in Brazil (Partido Comunista do Brasil).

Key words: History. Literature. Political Literature.

A tomada do poder, sob iniciativa dos trabalhadores, camponeses e soldados, reacendeu as chamas de um futuro promissor. Após 1917, diversos artistas e literatos tornaram-se partidários da Revolução, com o intuito de “falar as massas”, uma possibilidade de superação dessa sociedade falida pela guerra e pela cobiça do capital. A transição do capitalismo para o socialismo seria a grande alternativa, sendo o proletariado o protagonista da transformação, o novo herói da humanidade.

Para Eduardo de Assis Duarte, a figura do herói estava perdida na Literatura burguesa desde o período realista, reencarnando-se nesse novo estilo de Literatura por meio do heroísmo revolucionário da classe trabalhadora, inspirando defesas ao combate realizado

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor substituto de História do Brasil da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Iporá. E-mail: matheusdemesquistaepontes@yahoo.com.br.

pelo operário, camponês, no agitador e no dirigente partidário das massas (1996, p.18). Nesta fase, as artes buscaram abandonar seu traço elitista, tentando atingir um público mais amplo. Assim, encontramos proletários e artistas agindo juntos contra à velha ordem, no sentido de construir um novo modelo de sociedade pautado na fraternidade e na justiça. Seria o delinear do socialismo.

O período pós-Revolução Russa - o entreguerras nas décadas de 20 e 30 - foi (in)tenso no campo político, momento esse de grande politização no campo literário. Época que aflora, novamente, o engajamento literário pelo mundo, estritamente associado à política e à prática da produção literária. Desse modo, parte significativa dos literatos e demais artistas acreditava na concretização de uma utopia: a construção de uma sociedade sem classes.

Emerge, nesse período, juntamente com a Literatura engajada, a Literatura de vanguarda, cujo perfil revolucionário sustenta-se na suas proposta de ruptura com as formas artísticas anteriores. Existe uma diferença entre estes dois tipos de Literatura. De um lado, o escritor engajado pretende participar, através de suas obras, do processo revolucionário ou de transformação/reforma. Por outro lado, os literatos de vanguarda assumem uma participação simbólica, propondo uma nova homologia estrutural na Literatura. A Literatura engajada seria (é) aquela a serviço da propaganda e da agitação, isto é, um instrumento a serviço da transformação da sociedade. Segundo Benoîte Denis, “[...] o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que se ligou de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação” (2002, p.31).

O engajamento é fundamental nas relações do literato com o social². Esse tipo de Literatura não visa retratar apenas os “bons sentimentos”, mas sim, a questão da formação de uma nova ética social, mais justa e humana. Nesse sentido, o literato engajado se fascina pelo cotidiano popular, se solidariza pelas lutas de resistência e libertação das massas.

Denis chama a atenção para a distinção de significado entre Literatura engajada e Literatura militante, sendo que a “primeira vem à política porque é nesse terreno que a visão do homem e mundo da qual ela é portadora se concretiza, enquanto a segunda já é desde início política” (2002, p.36). Apesar da relevância de tal distinção, existe uma distinção necessária apontada na interpretação de Denis: toda literatura é uma produção política.

² Entende-se que toda obra literária possui seu grau de engajamento. Mas, nesse texto dissertativo, o termo engajamento será usado como compromissos do literato com projetos coletivos ou sociais e, em especial, com aqueles que reivindicam a transformação da sociedade, seguindo a conceitualização esboçada por Benoîte Denis.

O engajamento ocorre quando o literato opta por contribuir na transformação do mundo através de sua produção, por mais que isso fique subliminar em sua narrativa. Ser militante, segundo a conceitualização esboçada neste trabalho, é ir para além do engajamento. Significa construir uma obra acreditando na vitória, enquadrando-se, dessa forma, numa das tendências que disputam ou elaboram teses e mecanismos que almejam a transformação do mundo e do homem. O militante não atua apenas pela boa vontade de contribuir nas transformações, pois isso é engajamento. O literato militante não é espontâneo em suas narrativas e considerações, mas coerente ou centralizado numa proposta política, isto é, seu texto parte de um eixo político já existente e sua produção vem reafirmar essa linha de pensamento ou estratégia transformativa.

Assim, Jorge Amado oscila, de acordo com o período de produção de suas obras. Do escritor engajado ao militante e, até mesmo, um vanguardista.

Principiando um olhar sobre Jorge Amado, sabe-se que ele era filho de fazendeiro e oriundo da classe média. Sua inserção no mundo literário iniciou-se com a participação no Movimento Modernista, cuja proposta vanguardista, através da *Academias dos Rebeldes*, em Salvador, na Bahia, no final dos anos 20. No plano político, tal movimento tinha como atitude dominante a rejeição ao coronelismo provinciano e a denúncia da situação de pobreza e atraso em que vivia o país, em especial, o Nordeste.

Sobre o Modernismo e Jorge Amado, Roger Bastide afirma que a Literatura brasileira manteve-se fixada nas tendências da Literatura européia até 1922, ano em que foi realizada a Semana de Arte Moderna, evento que elevou o Modernismo a um divisor de águas no que se refere à produção literária nacional.

Esta nova tendência, segundo a interpretação do citado autor, apresenta duas correntes internas: uma de traços neo-realistas e de cunho sociológico, caracterizada pela tentativa de descrever com a maior exatidão possível a realidade circundante; e outra de traços neo-realistas, cuja intenção não consiste em pintar o real, mas mudá-lo em nome de uma ideologia socialista. Amado insere-se nesta última corrente, sendo seus romances concebidos como mensagens voltadas à ação revolucionária (BASTIDE, 1972, p. 39-45).

Contrariando a análise de Bastide, em parte, o primeiro livro de Amado, *O País do Carnaval*, escrito em 1930 e editado em 31, apesar de ser um “grito de revolta”, está longe de ser uma proposta literária que aponte para o socialismo ou para uma ação revolucionária. A obra narra a vida do fazendeiro burguês Paulo Rigger, que busca descobrir a existência e o sentido da felicidade. O texto é relativamente pequeno, confuso e bastante cético. Mas, apesar disso, Amado aborda questões históricas da época: a insatisfação com a Revolução de 1930, a

relação do jornalismo com a política, o debate em torno da identidade nacional, a ascensão do fascismo e do comunismo etc.

Frente à polarização política da época, os personagens do escritor se mostravam indiferentes ou sarcásticos: “O movimento fascista é grande. A propaganda comunista enorme” (Jerônimo); “Eu não sou nem por um nem por outro. O Brasil não deve importar sistemas políticos. Nós até hoje temos importado tudo” (Ricardo) e “[...] eu sou comunista... O comunismo mandaria surrar os brasileiros três vezes por dia [...]. O único remédio eficaz para o brasileiro é o chicote...” (Paulo Rigger) (AMADO, 1961, p.61-62).

O próprio Amado também visualiza esse tom cético em seu primeiro livro e se justifica defensivamente, alegando que o livro é uma exceção “[...] porque creio que em todos os meus outros livros meus personagens têm algo a ver comigo” (RAILLARD, 1990, p. 47). Esse fato levou o literato a proibir a tradução da obra em vários momentos, só autorizando a tradução para o italiano no final de sua vida. Além disso, engavetou o seu segundo livro, *Rui Barbosa nº 02*, considerado por ele como continuidade de *O País do Carnaval*.

Em relação ao Movimento Modernista de 1922, Amado menciona que a influência desta nova tendência atingiu as terras baianas no ano de 1927, vindo a fomentar a *Academia dos Rebeldes*. Em discordância com Bastide e outros intérpretes literários, o escritor baiano afirma que suas obras não tiveram influência do modernismo, mas sim da Revolução de 1930. Conforme a análise de Amado, o modernismo girava em torno dos grandes proprietários de café de São Paulo e do PRP, configurando-se assim, “um movimento de classe” que nada trouxe de original, transpondo apenas diversos movimentos que surgiram na Europa pós-Primeira Guerra (cubismo, dadaísmo, surrealismo etc.) (RAILLARD, 1990, p. 57). Partindo desse preceito político, Amado esquece que a Revolução de 30 foi impulsionada pela Aliança Liberal, que tinha em seu seio as oligarquias gaúcha, mineira e paraibana, além dos cafeicultores paulistas dissidentes do PRP, que constituíam o Partido Republicano. Nesse sentido, partindo dos próprios conceitos construídos por Amado, o dito “romance de 30” é também “um movimento de classe” que se aproxima daquele realizado pelos literatos paulistas.

Segundo Jorge Amado, o “romance de 30”, - movimento surgido com a Revolução de 1930 -, caracterizou-se como uma Literatura que tratava dos problemas sociais do povo brasileiro, sendo isso atestado numa escrita narrativa assentada na língua falada pelos setores mais populares. Nesse sentido, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, escrito em 1928, seria um dos marcos iniciais dessa nova fase da literatura brasileira, na qual os escritores nordestinos seriam os pioneiros/vanguarda (RAILLARD, 1990, p. 60-66).

Frente aos paulistas, Amado afirmava que eles, em sua maioria, não tinham conhecimento da vida do povo, por assim, era um movimento limitado, que teve um marco inicial - “Semana de 22” - com grande efervescência que foi para além do modernismo, mas que posteriormente teve um breve fim em si mesmo. O resultado da falta de solidez no movimento haveria provocado diversas propostas de projetos nacionalistas, que foram à direita como, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Guilherme Almeida, etc., até a esquerda com Raul Bopp, Patrícia Galvão e Oswald de Andrade (RAILLARD, 1990, p. 58-59).

A filiação de Amado na Juventude Comunista, em 1932, produziu reflexos em sua produção literária. Provavelmente, seu segundo romance cético não foi impresso devido à opção política tomada pelo escritor. Nos próximos romances veremos um literato engajado numa nova proposta de sociedade, denunciando as mazelas do capital no campo ou na cidade.

Cacau, seu segundo romance a ser editado, em 1933, narra a biografia de seu personagem fictício, José Cordeiro, de cognome Sergipano. José Cordeiro era filho de um ex-industrial que morreu e teve as riquezas usurpadas pelo tio, ficando o personagem e a mãe relegados à miséria. Sem condições de ficar em Sergipe, José Cordeiro vai trabalhar nas fazendas de cacau em Ilhéus, local onde ouve pela primeira vez a palavra ‘greve’, e conhece na pele a exploração do trabalho desumano, quase escravo, nas fazendas do interior baiano. Emerge, assim, um *sentimento de classe* que leva o personagem a negar o amor da filha do fazendeiro e a abandonar a fazenda, na tentativa de se transformar em um operário no Rio de Janeiro, onde junto com os demais *irmãos trabalhadores*, tivesse a oportunidade de transformar o mundo, abolindo as explorações e desigualdades.

O romance é engajado, denuncia a exploração humana nas fazendas do sertão brasileiro e aponta para a construção de uma moral solidária entre os trabalhadores, tanto do campo como da cidade. Amado diz que tentou, em *Cacau*, escrever “um romance proletário” que almejasse a organização dos trabalhadores, já que “a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária” (RAILLARD, 1990, p. 55).

Seu terceiro romance, *Suor*, lançado em 1934, migra dos ares do campo para o urbano. É um texto de linguagem mais virulenta e de fatos e descrições mais chocantes. O enredo fala do cotidiano da vida dos moradores de um cortiço na Ladeira do Pelourinho na cidade da Bahia - Salvador -, local paupérrimo onde moravam trabalhadores, desempregados, prostitutas, artistas e que também alojava migrantes da seca que alugavam seu pátio. O texto descreve a vida sofrida destes sujeitos, excomunga a exploração capitalista e visita novamente

a questão da moral defendendo, de forma mais clara, a união dos trabalhadores e demais explorados.

Neste livro, Amado já inicia, de forma tímida, a defesa aos comunistas, apontando o exemplo da Revolução Russa que deveria ser seguida pelos demais trabalhadores do mundo, em especial, os brasileiros. Ao final, descreve-se a solidariedade dos moradores do cortiço com os operários da companhia do bonde, seja na greve ou depois visando à libertação dos presos grevistas. O ápice do romance é o relato da última manifestação pró-libertação dos grevistas, quando um dos moradores morre com um tiro sem concluir seu grito parafraseado de Marx: “- Proletários de todas as nações...”. Apesar deste final trágico, a dor e o sofrimento são apontados como elementos essenciais para fomentar a consciência de classe e conseqüentemente levar as massas a concluir, na prática, a frase inacabada do morador assassinado do cortiço.

Avaliando os dois romances engajados e o início de sua militância político partidária, Amado diz: “*Cacau e Suor*, que se seguem muito perto – 1933 e 1934 -, significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda” (RAILLARD, 1990, p. 56).

A relação dos romances de Jorge Amado com os ideais socialistas resulta na tradução de sua produção literária para quarenta idiomas, aproximadamente, e na publicação de tais obras no estrangeiro. Conseqüentemente, o escritor baiano é referenciado na Literatura internacional, principalmente entre os antifascistas e simpatizantes do comunismo.

No final de 1934 e durante 1935, Amado reforça sua militância na Juventude Comunista, participando ativamente das atividades da ANL. Era o período de formação das Frentes Populares incentivadas pela III IC por intermédios de suas seções partidárias. As frentes eram compostas por todos aqueles setores que tinham como meta deter o avanço do fascismo. No Brasil, o sintoma do “frentismo” foi representado pela ANL, tendo à frente da organização os militares - os ex-Tenentistas - que se decepcionaram com Getúlio Vargas e os simpatizantes e militantes comunistas ligados ao PCB.

Segundo Hobsbawm, a proposta da unidade antifascista conquistou um grande apoio popular, trazendo para suas fileiras a adesão de vários intelectuais, que temiam as hostilidades da direita ascendente “à liberdade intelectual que imediatamente expurgou das universidades alemãs um terço de seus professores” (2005, p. 151). Além disso, com o exemplo alemão, temiam-se os ataques e a repressão aos artistas e literatos da cultura ‘modernista’ e a eliminação e/ou queima de livros indesejáveis pelo regime. No Brasil, o Governo Vargas agia da mesma forma, chegando a proibir publicações, apreendendo e queimando livros em praça

pública. Jorge Amado, como ferrenho opositor ao fascismo e a Vargas, vivenciou essas desavenças durante os anos 30 e 40.

Nesse contexto, o engajamento de Amado não era um fato genuinamente brasileiro. Está ligado à efervescência do período entreguerras, à ascensão e polarização entre os movimentos comunista e fascista, que fascinava uma geração de escritores que queriam opinar sobre suas posições. Para Denis (2002, p. 236-237), no campo das esquerdas, era o momento de se colocar a todo vapor o engajamento idealista em defesa dos valores universais que estavam sendo ameaçados pelo fascismo, momento no qual o intelectual colocava seu prestígio a serviço do debate e formação política, sendo que muitos renunciavam a sua independência na produção artística para se lançar numa ação política coletiva e organizada. Foi um período em que os meios/órgãos de agitação e divulgação das Frentes Populares eram movidos por esses intelectuais.

No ano de militância na ANL e dos levantes armados, Amado escreveu *Jubiabá*. Um romance mais denso e engajado em relação aos seus três livros publicados anteriormente. A obra narra a biografia do personagem fictício Antonio Balduíno, um negro órfão que foi criado durante a infância pela tia numa favela e, posteriormente, por um comerciante português. Vive parte de sua adolescência na rua praticando pequenos furtos, torna-se lutador de boxe, trabalha em fazendas de plantação de fumo, em um circo, vive um tempo de trapanças e, por último, descobre seu *lugar honesto* enquanto um operário no cais do porto. É um romance que passa por lugares e situações múltiplas e que aponta a *degeneração moral* de um homem e seu (re)encontro com a ética, através do trabalho, da solidariedade e da união entre os seus pares. Balduíno acreditava ser um homem livre por não trabalhar e viver vagabundo, mas descobre que a liberdade é fruto das conquistas do homem. Nisso, o trabalho, a greve e a solidariedade existente entre os trabalhadores lhe apontavam os caminhos próximos para liberdade plena.

A greve fora novamente para o negro Antonio Balduíno uma verdadeira revelação. A princípio ele a amara como uma luta; como barulho e briga, coisas de que gostava desde criança. Porém, aos poucos, a greve começou a tomar para o *ex-boxeur* um aspecto novo. Era qualquer coisa mais séria que barulho, que briga. Era uma luta dirigida para um fim, sabendo o que queria, uma luta bonita. Ali na greve todos se amavam, se defendiam e lutavam contra a escravidão (s/d, p.246).

A solidariedade entre os trabalhadores e a consciência de classe adquirida durante a organização de uma greve conjunta por melhores salários e condição de vida, constituíam o

sentimento semelhante que buscava ser construído em torno da ANL. Sentimentos esses não limitados apenas à classe operária, mas que deveriam ser ampliados aos militares, intelectuais, estudantes, classes médias e a todos os setores antiimperialistas e antifascistas que almejavam um Governo Popular e Revolucionário para os brasileiros. A coesão e a vontade de vencer dos operários baianos do romance amadiano é aquilo que faltou ao policlassismo da ANL.

Jorge Amado interpreta que o romance vai além, discutindo a relação de raça e classe no Brasil.

Em Jubiabá, o problema da raça é colocado de uma forma muito violenta, a tal ponto que, no fim do livro, Balduino compreende que o problema de raça não é a causa, mais sim a consequência do problema de classe: o problema do pobre e do rico, do escravo e do amo. Eu realmente fico feliz por Jubiabá mostrar isto, e não o caminho estreito e fechado da separação de raças, da negação da nossa realidade, e da própria experiência humanista, que é a mistura de raças (RAILLARD, 1990, p. 101).

Apesar de Amado analisar, no final de sua vida, que a tentativa de insurreição da ANL foi um erro, deduz-se que a experiência no movimento foi condição preliminar para aprofundar sua militância no PCB e, conseqüentemente, colocar sua literatura a serviço dos ideais do partido, tornando-se, então, um literato de escrita militante.

Antes de 1935, acentua-se na URSS a interferência do *Partido-Estado* sobre as artes e a literatura em seus aspectos estéticos e políticos, assemelhando-se assim, às estratégias/propostas disciplinares e organizativas utilizadas pela III Internacional Comunista (IC) frente ao movimento sindical. Conseqüentemente essas políticas determinadas pelo Partido Russo vão ter seus reflexos nos meios literários internacionais, inclusive no Brasil, apontando Jorge Amado como o principal expoente.

Dois relevantes marcos políticos da centralização literária existente no movimento comunista foram: a criação da União dos Escritores Soviéticos da URSS em 1932, por decreto do Comitê Central do Partido Russo, e a realização do I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, momento em que se instaurou a política do “realismo socialista” para as artes e literatura. Ambos os fatos contribuiriam para a centralização dos organismos partidários frente à produção cultural ocorrida dentro e fora da Rússia. Nesse sentido, absorvendo a *ética militante bolchevique*, o militante literário que não seguisse as determinações do Partido estava sujeito a ser expulso da agremiação ou ser acusado de “traidor”, podendo até ser assassinado ou obrigado a se exilar em país estrangeiro, no caso dos artistas russos ou de nações denominadas ‘socialistas’.

Segundo Vittorio Strada (1987, p. 113-125), que analisa a cultura russa, a centralização do Partido perante as questões culturais foi um crime/genocídio à diversidade e intensidade existente na literatura e nas artes daquele país. O autor aponta que a matriz dessa política centrista é fruto da concepção de Partido formulada por Lênin durante o processo revolucionário russo e que os fatos ocorridos na literatura soviética pós-30, no período stalinista, é apenas o aprofundamento de uma idéia esboçada anteriormente.

Apesar da simplificação e do pouco esforço em distinguir as estratégias elaboradas por Lênin na tomada do poder e as de Stálin na direção do Estado soviético em relação à cultura, Strada sinaliza para uma das grandes polêmicas existente nos meios de esquerda e no pensamento marxista: como um militante deve atuar frente à cultura.

Dos anos 30 até 1956, todas as respostas para qualquer emblemática emergente no movimento comunista deveriam ser pautadas no pensamento *marxista-leninista* interpretado pelo *stalinismo*, o “socialismo real”. Esta doutrina tornou-se oficial no Partido-Estado russo e nas demais seções partidárias ligadas a III IC. Frente a tal situação, as respostas funcionais para a cultura deveriam se basear nos escritos de Lênin do período revolucionário, sendo a revolução no campo cultural primordial para formar as bases sociais de um país inadequado à superação do capitalismo³. Cabe ao militante a tarefa da construção de uma “cultura proletária” pensada nos marcos da vanguarda revolucionária, o Partido Comunista⁴.

Jubiabá é um marco na obra amadiana que busca essa formação da “cultura proletária” brasileira, apesar de seu texto ter outras preocupações, como o debate sobre as matrizes raciais e seus impactos na identidade brasileira e, em especial, a cultura dos negros. Mesmo com esses aspectos supracitados, o livro não aponta as teses - leituras do PCB e III IC - que mencionam a conquista da liberdade completa e a tomada do poder por iniciativa da classe trabalhadora.

No tocante à Literatura amadiana, a discussão sobre os caminhos para o “socialismo real” será contemplada nas obras biográficas do início dos anos 40: *ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança*: a vida de Luiz Carlos Prestes. Ambos os livros foram escritos no

³ É importante observar como a visão de Amado sobre seus dois primeiros livros engajados - *Cacau* e *Suor* - já se aproximam das elaborações feitas por Lênin: a formação cultural devia estar voltada a contribuir na superação das debilidades econômicas de um país.

⁴ Karl Marx e Friedrich Engels, diferente do movimento comunista sob influência *stalinista*, tinham receios sobre a participação do literato no Partido do proletariado, devido seus costumes *pequeno-burguês*, apesar de tolerá-los. Mas, referente ao conteúdo da produção, não existe condicionante ao literato militante. Engels, em carta a escritora Mina Kautsky, chega a defender que o “poeta não tem que dar já pronta ao leitor a solução histórica e futura dos conflitos sociais que descreve”, basta, que este, descreva a realidade, abalando assim, o otimismo que o mundo burguês imprime na sociedade e, conseqüentemente no leitor. (MARX, K & ENGELS, F. Sobre Literatura e Arte, 1971, p. 193).

exílio, momento em que Amado demonstra toda sua fúria contra o Governo Vargas e o fascismo, devido às suas prisões ocorridas no Brasil, no final dos anos 30. Possivelmente, neste momento, Amado toma maiores contatos com a política do movimento comunista internacional.

ABC de Castro Alves foi lançado inicialmente em 1941, através de folhetins da imprensa argentina devido à repressão no Brasil (GOMES, 1981, p. 19). Tal obra esteve voltada a fazer um chamado aos literatos brasileiros na luta contra o autoritarismo do Governo Vargas e suas influências fascistas. A obra se preocupa com os rumos que o Brasil poderia tomar na Segunda Guerra Mundial, sendo que a mesma realizava uma campanha aos pró-Aliados, em especial, a URSS. Amado esperava captar literatos brasileiros para a política de *frente ampla* contra o fascismo, podendo assim, influenciar politicamente nos rumos que o Estado brasileiro poderia tomar diante da eminente guerra. Por conseguinte, o exemplo libertário do escritor Castro Alves deveria ser seguido pelos literatos brasileiros, contra um possível *retrocesso histórico* que culminaria na *escravização dos povos livres do mundo*: a vitória bélica do nazifascismo. Posteriormente, com o findar do conflito armado, em 1947, Amado reescreve a biografia de Castro Alves por meio de um roteiro de peça teatral intitulada, inicialmente, de *O Amor de Castro Alves*, e alterado, momentos depois, para *O Amor do Soldado*. Nessa nova versão, Amado mantém a linha de sua primeira biografia, exceto a crítica ao Governo Vargas.

A biografia de Prestes, que aclamava sua libertação da prisão, também saiu, inicialmente, através de folhetins em jornais argentinos. Sua primeira impressão, enquanto livro, foi feita em língua espanhola, pela Editorial Claridad de Buenos Aires. Esta obra, intitulada *A vida de Luiz Carlos Prestes: o Cavaleiro da Esperança*, foi lançada em três de janeiro de 1942, data de comemoração do quadragésimo quarto aniversário de Prestes.

Mesmo lançado na Argentina, o livro transpôs as fronteiras do Brasil de forma clandestina, através dos militantes e simpatizantes do PCB e ex-integrantes da ANL. Somente em junho de 1945, com o enfraquecimento político do Estado Novo, a biografia de Prestes é lançada definitivamente no Brasil em língua portuguesa, pela Livraria Martins Editora, com o título *O Cavaleiro da Esperança* (TAVARES, 1982, p. 35).

Em relação à produção do livro, Amado, no exílio, teve contato com vários exilados políticos oriundos da perseguição varguista, ex-integrantes da Coluna Prestes, aliancistas, comunistas e outros que, certamente, contribuíram com informações e documentos para a elaboração de *O Cavaleiro da Esperança*. Certamente, Amado foi o primeiro autor a descrever, em forma de livro impresso, os trajetos e façanhas da Coluna Prestes, como

também o primeiro escritor a relatar as torturas e humilhações sofridas pelos comunistas estrangeiros enviados pela III IC, nas prisões brasileiras, pós-levantes armados de 1935.

Com a biografia de Prestes, Amado parte para o campo da mitificação das lideranças do movimento comunista da época. Stálin era posto como o libertador dos trabalhadores e povos oprimidos do mundo, o “homem de aço”, o único homem capaz de derrotar Hitler e o *perverso* movimento fascista em escala internacional; e Prestes, o “Cavaleiro da Esperança” da famosa Coluna Prestes, colocado como o grande líder democrático brasileiro, o presidente de honra da ANL e o único capaz de derrotar o “governo odioso” de Vargas e implementar no Brasil um governo popular revolucionário.

Os livros biográficos de Amado consolidam sua Literatura militante voltada às teses e palavras de ordem do partido e da III IC. *O Cavaleiro da Esperança*, além de ser um texto panfletário, tinha a função de servir como agente impulsionador da reorganização de uma Frente Popular no Brasil que exigisse de Vargas a posição de tomar partido junto às nações Aliadas durante a Segunda Guerra. Com essa estratégia, o PCB e, possivelmente, Amado esperavam que, através da anistia de Prestes e de outros militantes comunistas, se pudesse reorganizar a agremiação que se encontrava praticamente dissolvida pela repressão.

O escritor baiano aproveita a biografia sobre Prestes para atacar o Movimento Modernista paulista, enquadrando-o como “movimento dos oligarcas paulistas” (1987, p. 16), literatos que, segundo ele, em sua maioria, não deram valor e conhecimento ao Movimento Tenentista de 1922 e à Coluna Prestes, no período de 1924 a 1927. Para o citado escritor, a Literatura brasileira tem uma dívida com Prestes, pois foi o movimento vitorioso da grande marcha que proporcionou o desenvolvimento da revolução democrático-burguesa no Brasil que, conseqüentemente, impulsionou “o romance de 30”, “a moderna literatura brasileira” que teve seu ápice em 1935 com a ANL. Sendo assim, “Luiz Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível” (1987, p. 16-17).

As biografias surtem efeitos políticos diretos na vida do escritor, como na vida do próprio biografado Prestes. Jorge Amado, no início do ano 1945, no Congresso da Associação Brasileira dos Escritores (ABDE), é eleito para vice-presidência da entidade, que toma como política prioritária à luta pela redemocratização do país, consumando uma das propostas contidas em *ABC de Castro Alves*. No mesmo ano, Prestes é o candidato ao Senado, sendo o mais bem votado do país e, de acordo com a constituição da época, eleito deputado federal por três estados, enquanto que Jorge Amado também foi eleito deputado federal por São Paulo

com uma grande margem de votos⁵. Sendo assim, *O Cavaleiro da Esperança* tanto serviu para enaltecer a vida do biografado, como colaborou para o crescimento político do escritor biógrafo.

Aos 78 anos de idade, Jorge Amado avalia que seus dois livros biográficos não possuem valor literário especial dentro do conjunto de sua obra, uma vez que a eles “são duas biografias, [...] trabalhadas como ficção” (RAILLARD, 1990, p.112). No caso de Prestes, a intenção seria a questão da anistia e a luta contra a ditadura Vargas e relação a Castro Alves, a biografia é dirigida aos intelectuais, no intuito de ganhá-los para a luta contra a ditadura estado-novista e o fascismo.

A única tese do PCB que Amado não defendeu de forma objetiva, em seus livros, é o termo “Unidade Nacional” com Getúlio Vargas, apesar do termo aparecer em sua narrativa como chamativa as forças que compunham as candidaturas de Armando Sales e José Américo para lutar contra o fascismo/integralismo e pela democracia no Brasil (1987, p. 319-322). Havia o interesse de que Vargas viesse a apoiar as nações aliadas, mas mesmo assim, ele era posto como “tirano”, “senhor feudal”, “ditador” etc.

Vale ressaltar que os livros biográficos foram escritos e publicados, primeiramente, antes do Brasil adentrar a guerra e que, mesmo após a inserção do país no conflito, Amado nunca demonstraria simpatias por Getúlio Vargas. No período em que o PCB defendeu a “Unidade Nacional”, com Vargas à frente do governo brasileiro, o escritor elaborou romances críticos à condição econômica dos povos nordestinos, repudiou o messianismo, o bandidismo social - o cangaço - e o trotskismo, além de defender que o Partido Comunista era a única salvação para o país, mas sem citar Vargas⁶.

Os Subterrâneos da Liberdade, escrito no princípio dos anos 50, mas lançado somente em 1954 - época do segundo governo de Vargas e momento em que o PCB era oposição e defendia a insurreição armada - demonstra, novamente, um Jorge Amado que odiava Vargas e o fascismo. O romance é uma trilogia que aborda fatos históricos que vão desde os preparatórios do golpe do Estado Novo, em 1937, até o julgamento de Prestes em novembro de 1940. Aqui, novamente, Stálin e Prestes são postos enquanto dois grandes heróis, exemplos de dignidade e moral revolucionária a serem seguidas pelos personagens protagonistas do romance, o jovem casal comunista João e Mariana.

⁵ Junto com Jorge Amado o PCB elegeu mais quatorze parlamentares para o Congresso Nacional, além de obter dez por cento dos votos para candidatura à Presidência da República através de Yedo Fiúza.

⁶ Isso fica evidente no romance *Seara Vermelha*, escrito em 1945 e lançado em 1946, momento em que o PCB defendia a permanência de Vargas no poder até a realização da eleição presidencial e da confecção de uma nova Constituição para o país.

Certamente, *Os Subterrâneos da Liberdade* é o romance mais *stalinista* de todos os livros militantes de Jorge Amado. É um texto denso que, em seu conjunto, aponta as diversas teses e concepções do Partido. Um *resgate histórico* que reconstrói uma outra realidade do período, adequando-o às demandas/teses partidárias existentes nos anos 50. Para Amado, “quando escrevi *Os Subterrâneos da Liberdade* eu era um stalinista, realmente um stalinista” (RAILLARD, 1990, p. 136).

No período das denúncias dos crimes de Stálin, em 1956, no XX Congresso do Partido Russo, Amado abandona a agremiação, não sob a alegação desse evento, mas com o pretexto de voltar a escrever, já que, segundo o escritor, todo seu tempo era destinado à militância. Segundo Amado, as denúncias de Krushev não eram novidades.

Eu soube de tudo em 54, logo depois da morte de Stálin. Numa das viagens que fiz à União Soviética, fiquei sabendo de tudo... tinha começado a haver o “degelo” na União Soviética [...] Daí em diante, eu passei a pensar com minha própria cabeça. Eu era um homem que tinha vivido o stalinismo, que tinha sofrido com o stalinismo (GOMES, 1981, p. 28).

É o adeus ao romance militante e, *Gabriela, Cravo e Canela*, o próximo romance de Amado, editado em 1958, aponta essa virada brusca na perspectiva literária amadiana. Mas, isso não significou o fim de seu engajamento social e muito menos a eliminação do seu ódio frente ao Governo Vargas e ao fascismo. Em *Farda, Fardão e Camisola de Dormir*: fábula para ascender uma esperança, editado em 1979, durante o enfraquecimento do Regime Militar, Amado retorna às denúncias sobre o Estado Novo, numa comparação subjetiva à ditadura em vigor. A grande diferença é que, no romance do final dos anos 70, o escritor muda seu olhar, deixando de narrar o período sob uma perspectiva da esquerda, não reproduzindo as interpretações do PCB e muito menos louvando Prestes e Stálin. A narrativa de *Farda, Fardão e Camisola de Dormir* parte de um campo liberal, descrevendo a disputa entre fascistas e liberais por uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, durante o contexto dos anos de ditadura e ascensão do fascismo. Afirmando a postura de Amado: “Eu quis tomar mesmo os liberais, em vez de tomar os esquerdistas, para mostrar a amplitude da coisa” (GOMES, 1981, p. 19).

Do literato cético ao engajamento em busca da transformação social. Do engajamento à Literatura militante de partido seguindo a influências do movimento comunista internacional. Esse é o Jorge Amado, escritor metamorfose, que cresceu no mundo da Literatura graças à ascensão do movimento comunista.

Observando suas transformações, o louvor a Prestes, através de *O Cavaleiro da Esperança*, teve todo um valor significativo para a consolidação de Amado na Literatura militante. Foi seu batismo de fogo, a retirada de sua credencial para o mundo das “estrelas” literárias do movimento comunista. Diante disso, em 1951, o autor em questão foi agraciado com o “Prêmio Stálin de Literatura” pelo conjunto de sua obra, a maior honraria que um militante literato comunista poderia receber. Para completar o ciclo militante, Jorge Amado dirigiu a Coleção Romances do Povo, que traduziu - português - e editou romances de literatos militantes internacionais no Brasil, como Boris Pelevói, Nikolai Ostrovsky, Alina Paim, Dmítri Fúrmanov etc. Uma curta iniciativa que pode ser vista como uma *troca de gentilezas* entre os literatos comunistas.

Referências

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Editora Martins, s/d.

_____. **Cacau**. São Paulo: Editora Martins, 1961.

_____. **Farda, Fardão e Camisola de Dormir**: fábula para ascender uma esperança. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

_____. **Jubiabá**. São Paulo. Editora Martins, s/d.

_____. **O País do Carnaval**. São Paulo: Editora Martins, 1961.

_____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

_____. **Seara Vermelha**. São Paulo: Editora Martins, s/d.

_____. **Suor**. São Paulo: Martins, 1961.

BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: **Jorge Amado povo e terra**: 40 anos de literatura. São Paulo: Editora Martins, 1972.

DENIS, Benoîte. **Literatura e Engajamento**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GOMES, Álvaro Cardoso (org.). **Jorge Amado**: Literatura Comentada. São Paulo: Editora Abril, 1981.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo**. O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TAVARES, Paulo. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Texto recebido em 16/06/09

Aprovado em 01/09/09